



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/02/2020 a 05/03/2020

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
28/02/2020	8,83	298,60	28,31	5,29	3,66
02/03/2020	8,90	302,20	28,57	5,26	3,74
03/03/2020	8,93	303,80	28,84	5,28	3,81
04/03/2020	8,98	305,20	29,44	5,21	3,87
05/03/2020	8,89	300,40	29,10	5,24	3,84
Média	8,91	302,04	28,85	5,26	3,78

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	89,00	ND
RS - Santa Rosa	89,00	ND
RS - Ijuí	89,00	ND
PR - Cascavel	85,50	ND
MT - Rondonópolis	82,00	ND
MS - Ponta Porã	80,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	80,50	ND
BA - Barreiras (CIF)	80,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	172,00	ND
Paraguai (FOB)**	157,50	ND
Paraguai (CIF)**	192,50	ND
RS - Erechim	48,00	ND
SC - Chapecó	49,00	ND
PR - Cascavel	48,00	ND
PR - Maringá	48,00	ND
MT - Rondonópolis	48,00	ND
MS - Dourados	44,00	ND
SP - Mogiana	54,00	ND
SP - Campinas (CIF)	57,00	ND
GO - Goiânia	50,00	ND
MG - Uberlândia	52,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	850,00	ND
RS - Santa Rosa	850,00	ND
PR - Maringá	1.050,00	ND
PR - Cascavel	1.000,00	ND

Período: 04/03/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 05/03/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	43,96	80,00	44,48

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 05/03/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	48,83
Feijão (saco 60 Kg)	141,39
Sorgo (saco 60 Kg)	36,27
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,86
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,32**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,72

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago ganharam um pouco de fôlego nesta semana, com o primeiro mês cotado voltando a se aproximar dos US\$ 9,00/bushel, porém, encontrando resistência em romper este teto. Assim, o fechamento desta quinta-feira (05) acabou retraindo as mesmas, ficando em US\$ 8,89/bushel, contra US\$ 8,86 uma semana antes. A média de fevereiro ficou em US\$ 8,85, contra US\$ 9,17 em janeiro e US\$ 9,10/bushel em fevereiro do ano passado.

A recuperação se deu em cima de notícias de que o governo argentino suspendeu os registros de exportação de soja. Com isso, o farelo subiu, com a tonelada curta em Chicago, deste subproduto, ganhando 2,8% naquela Bolsa em quatro dias úteis, fechando esta quarta-feira (04) em US\$ 305,20. É bom lembrar que a Argentina exporta praticamente 50% do farelo mundial. O óleo de soja, após forte baixa, também voltou a subir, puxado pela recuperação nas cotações do petróleo.

Todavia, o grão não subiu mais porque as ameaças do coronavírus, aqui atingindo também os EUA, inibem o mercado exportador, tornando baixas as vendas externas de soja por parte daquele país.

Neste sentido, as exportações líquidas de soja, por parte dos EUA, fecharam a semana do 20/02 somando 339.300 toneladas, com um recuo de 38% sobre a média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 o volume vendido ficou em 22.100 toneladas. Com isso, a soma dos dois anos chegou a apenas 361.400 toneladas, contra uma expectativa mínima do mercado de 600.000 toneladas.

Já as inspeções de exportação estadunidenses, na semana encerrada em 27/02, atingiram a 670.608 toneladas, acumulando no ano comercial, iniciado em 1º de setembro, um total de 29,6 milhões de toneladas, contra 26 milhões um ano antes na mesma época.

Por outro lado, o mercado continua não acreditando que o acordo comercial entre EUA e China será cumprido em sua integralidade. Neste momento, o índice da atividade industrial chinês caiu para 40,3 pontos em fevereiro, o menor nível desde 2004, quando começou a série histórica. Isto se deve a paralisação de grande parte das atividades industriais chinesas devido ao surto do coronavírus.

Mas este fato acabou sendo relativizado, por enquanto, pela notícia de reação do G7 e dos Bancos Centrais respectivos à paralisia da economia mundial devido ao coronavírus. Neste sentido, ajucou o fato de que o FED dos EUA acabou reduzindo mesmo, e de forma excepcional, seus juros básicos durante esta semana (porém, deixou claro que, passado o efeito do surto de coronavírus, ele retomará a trajetória de alta em seu juro básico).

O fator positivo para as cotações ficou mesmo com a elevação das tarifas de exportação (retenções) sobre a soja na Argentina. Isto poderá frear as vendas externas argentinas do referido produto, auxiliando aos EUA e ao Brasil. Tal tarifa passou de 30% para 33% sobre o valor do produto. É o segundo aumento desde dezembro passado. Para tentar estancar a natural reação negativa dos produtores, a decisão apresentou duas contrapartidas: a aplicação de um sistema de compensação

para os pequenos sojicultores (que produziram menos de 1.000 toneladas na última safra) e a redução do imposto de exportação para outras culturas agrícolas regionais.

Mesmo assim, na prática, o aumento destas taxas reduz os incentivos para exportação do complexo soja argentino, podendo reduzir a área semeada local na futura safra.

Além disso, em função do clima, a colheita brasileira começa a apresentar atraso, além de quebras importantes no terceiro Estado produtor, que é o Rio Grande do Sul. Isso igualmente deu um pouco de sustentação ao mercado nesta semana. Todavia, não se deve esquecer que, por enquanto, a safra atual da América do Sul continua sendo apontada para um recorde histórico.

No Brasil, o câmbio continuou disparando, com o Real se aproximando rapidamente de R\$ 4,65 no final desta semana. Com isso, mais o pequeno aumento em Chicago, os preços subiram. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 80,00/saco (no ano passado, nesta data, o saco valia R\$ 70,55). Ou seja, o produto está valendo nominalmente quase 10 reais a mais do que no ano passado nesta época. Infelizmente, tal recuperação de preços não compensa a quebra de safra que vem ocorrendo em grande parte do Estado (colheita média até o momento entre 15 a 30 sacos por hectare, sendo que a projeção geral feita pela Emater é de uma quebra de 16,2% - este percentual deverá ser muito maior pois a seca persiste). Os lotes, no mercado gaúcho, fecharam a semana em R\$ 89,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 77,00/saco no Nortão do Mato Grosso e R\$ 89,50 em Campos Novos (SC), passando por R\$ 86,50 no centro e norte do Paraná; R\$ 77,00 em São Gabriel (MS); R\$ 78,50 em Goiatuba (GO); R\$ 79,50 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 81,50/saco em Uruçuí (PI).

Vale destacar ainda que os lotes melhoraram um pouco, com seus valores oscilando entre US\$ 0,26 e US\$ 0,50/bushel no final da corrente semana.

Diante dos atuais preços as vendas aumentaram, porém, os compradores recuaram, esperando que tais altas sejam passageiras e o mercado volte a se acomodar em níveis mais palatáveis aos seus interesses.

Enfim, a colheita da nova safra de soja atingia, até o dia 28/02, um total de 40% da área semeada, contra 45% na mesma época do ano passado e 36% em relação a média histórica. Por Estado produtor, a colheita se apresentava com 2% no Rio Grande do Sul; 45% no Paraná; 80% no Mato Grosso; 47% no Mato Grosso do Sul; 35% em Goiás; 22% em São Paulo; 21% em Minas Gerais; 11% na Bahia; 30% no Maranhão e Tocantins; 2% no Piauí; e 9% no conjunto dos demais Estados produtores. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também subiram neste início de março, com o primeiro mês cotado fechando a quinta-feira (05) em US\$ 3,84/bushel, após US\$ 3,64 uma semana antes. A média de fevereiro ficou em US\$ 3,77/bushel, contra US\$ 3,85 em janeiro e US\$ 3,73/bushel em fevereiro de 2019.

Com a forte valorização do dólar no mercado mundial, os preços do cereal não conseguem se elevar muito, pois as exportações estadunidenses perdem competitividade. Neste sentido, as vendas líquidas de milho, por parte dos EUA, chegaram a 864.600 toneladas na semana encerrada em 20 de fevereiro, ficando 26% abaixo da média das quatro semanas anteriores. Para o ano 2020/21 as vendas externas somaram 113.600 toneladas. A soma dos dois anos acabou ficando dentro das expectativas do mercado, porém, sem entusiasmar o mesmo.

Por sua vez, há um claro movimento de contenção nos negócios devido ao coronavírus, doença que está provocando recuo significativo em todas as bolsas do mundo. As perdas acumuladas são as maiores desde 2011 e, em muitos casos, a realidade econômico-financeira do mundo se compara ao ocorrido na grande crise de 2007/08.

Em paralelo, as ameaças do governo argentino em aumentar as retenções (tarifas sobre exportações agropecuárias) igualmente agitou o mercado do milho. Aparentemente, tais aumentos ficaram apenas na soja, porém, o mercado ainda estuda a nova situação no vizinho país. Afinal, faltam apenas 30 dias para começar a colheita do cereal na Argentina e tal realidade leva os produtores locais a se mobilizarem contra o governo.

Este quadro, e as ausências de Brasil e Argentina na exportação devido a entressafra, deixam o milho estadunidense com mais procura, porém, as cotações pouco reagiram ainda a tal quadro.

Desta forma, o mercado depende de notícias mais consistentes para que os preços subam em Chicago. No curto prazo, isso poderá vir do fluxo de exportações dos EUA. (cf. Safras & Mercado) Se tais vendas não aumentarem, a tendência, no médio prazo, é de preços mais debilitados pois há expectativa de aumento de área semeada para a nova safra daquele país. Neste sentido, o relatório de intenção de plantio, previsto para o dia 31/03, é aguardado com muito interesse.

Na Argentina a tonelada FOB ficou cotada em US\$ 172,00, enquanto no Paraguai a mesma atingiu a US\$ 157,50.

E no Brasil, os preços se mantiveram firmes, com tendência à estabilização, apesar do quadro apertado em São Paulo. O balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 43,96/saco, enquanto os lotes registraram valores entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00/saco. Nas demais praças, os lotes oscilaram entre R\$ 41,00/saco em Sinop (MT) e R\$ 55,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 53,00 em Alfenas (MG) e R\$ 49,00/saco em Chapecó e Concórdia (SC).

O mercado está muito concentrado na realidade de São Paulo, onde falta milho. Além disso, a demanda paulista não está conseguindo o cereal em outras regiões produtoras. Com isso, o referencial Campinas chegou a R\$ 57,00 no CIF.

Soma-se a isso a constante desvalorização do Real, batendo em R\$ 4,65 durante a semana, o que estimula as exportações, forçando o mercado interno a pagar mais para

conseguir o pouco de produto que se mostra disponível. Ou seja, a paridade de exportação é outro elemento decisivo neste momento no mercado do milho.

Além disso, a logística de transporte se mostra cada dia mais complicada diante do avanço da colheita da soja, fato que deixa o milho em segundo plano, complicando o abastecimento.

Como o plantio da safrinha está atrasado, a mesma somente deve entrar no mercado no final de junho. Até lá, a pressão altista sobre os preços do cereal deverá continuar. No início de março ainda faltavam cerca de 40% da área da safrinha a ser semeada no Centro-Sul brasileiro. Para complicar o quadro, neste momento começam a surgir algumas projeções de falta de chuva nas regiões produtoras da safrinha em maio próximo, especialmente no Paraná e Mato Grosso do Sul.

Enfim, o plantio da safrinha, até o dia 28/02, atingia a 61% no Centro-Sul brasileiro, contra 79% no ano anterior nesta época e 59% na média histórica. Os maiores atrasos continuam em Minas Gerais e São Paulo. No Estado mineiro o plantio atingia apenas 14%, contra 47% na média histórica, enquanto junto aos paulistas o mesmo era de 29%, contra 50% na média. Por outro lado, a colheita da safra de verão, até o 28/02, chegava a 36% da área no Centro-Sul brasileiro, contra 40% no ano passado na mesma época, e 35% na média histórica. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês cotado, fechou a quinta-feira (05) em US\$ 5,24/bushel, contra US\$ 5,29 uma semana antes. A média de fevereiro ficou em US\$ 5,49, enquanto a de janeiro havia sido de US\$ 5,64/bushel e a de fevereiro do ano passado havia registrado US\$ 4,98. Ou seja, o trigo ainda está mais valorizado do que na mesma época do ano passado, porém, recuou bastante em relação à média de janeiro do corrente ano.

Como não poderia deixar de ser, o mercado ficou pressionado pelas consequências do coronavírus mundo afora. Junto a isso, há fraca demanda pelo trigo dos EUA. As vendas líquidas do cereal, para o ano 2019/20, ficaram em 381.800 toneladas na semana encerrada em 20/02 naquele país. Esse volume representa um recuo de 23% sobre a média das quatro semanas anteriores.

O corte do juro básico nos EUA, feito de maneira excepcional pelo seu Banco Central, visando conter as consequências econômicas nefastas provocadas pelo coronavírus, deu um certo alento ao mercado na segunda metade da semana. No entanto, o mesmo não foi significativo.

Na prática, a grande oferta mundial do cereal e a firmeza do dólar no mercado internacional tira competitividade do trigo estadunidense, reduzindo os preços em Chicago.

Por sua vez, na Argentina o preço FOB oficial ficou em US\$ 245,00/tonelada para entrega em março. Ora, com a nova desvalorização do Real, este produto chega nos

moinhos paulistas a R\$ 1.325,00/tonelada neste momento, e a R\$ 1.240,00 em Curitiba. Portanto, ainda continuam os espaços para o produto de qualidade superior no Brasil aumentar seu valor.

Neste contexto, a semana fechou com o balcão gaúcho valendo R\$ 44,48/saco na média, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 51,00/saco. No Paraná, o balcão permaneceu em R\$ 50,00, enquanto os lotes oscilaram entre R\$ 60,00 e R\$ 63,00/saco nas regiões produtoras. Já em Santa Catarina, o balcão conservou os R\$ 46,00/saco, enquanto os lotes, na região de Campos Novos, registraram R\$ 54,00.

Neste início de março a comercialização do produto nacional continua reduzida, diante de uma indústria bem abastecida. A forte desvalorização do Real não estimula os negócios, pois torna o produto importado ainda mais caro. Além disso, já não há muito trigo disponível no Brasil e também nos principais parceiros do Mercosul. Na Argentina, por exemplo, das 12 milhões de toneladas disponíveis para exportação, mais de 95% já estaria vendido.

Este quadro deve manter os preços internos do trigo de qualidade superior em alta, mesmo com o fato do governo argentino ter liberado os registros de exportação no final desta semana, mantendo a taxa de exportação para o trigo em 12%.

A questão é que ainda em março (mais tardar no início de abril) os moinhos nacionais deverão acelerar suas compras para repor estoques, fato que deve pressionar para cima os preços do cereal até a entrada da nova safra, em setembro próximo via o Paraná. Especialmente se o câmbio no Brasil se mantiver nos atuais níveis, os quais estão completamente fora da realidade da paridade de poder de compra em relação ao dólar estadunidense.

Neste último caso, o cálculo da paridade, levando-se em consideração o período de janeiro de 2009 até fevereiro de 2020, mostra que o Real estaria em cotação normal ao redor de R\$ 3,70 por dólar (já incluindo as disfunções políticas inerentes ao Brasil).